

ESTÁGIO BÁSICO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Mateus Egilson da Silva Alves¹⁴;

Ana Virgínia Maria da Silva¹⁵;

Débora Magalhães Araújo¹⁶;

Erick Daniel Gomes de Melo Santos¹⁷;

Fauston Negreiros¹⁸;

Resumo

Objetiva-se relatar a experiência de um Estágio Básico Supervisionado (EBS) em Psicologia Escolar e Educacional (PEE) de Perspectiva Crítica, de um curso de Psicologia, em uma escola da rede pública de ensino fundamental. Utilizou-se como método a observação naturalística, sistemática e participante, as quais possibilitaram a percepção das demandas: relações pouco exploradas entre afetividade e o espaço escolar; Bullying e sua naturalização na turma; questões de gênero e sexualidade. Discute-se que promover ações contextualizadas frente às demandas apontadas

¹⁴ Graduando de Psicologia na Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr); Av. São Sebastião, nº 2819 - Nossa Sra. de Fátima, Parnaíba - PI, Brasil, 64202-020; e-mail: mateusegalves@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5759-8443>.

¹⁵ Graduanda de Psicologia na Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr); Av. São Sebastião, nº 2819 - Nossa Sra. de Fátima, Parnaíba - PI, Brasil, 64202-020; e-mail: silvavirginia905@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7285-9787>.

¹⁶ Graduanda de Psicologia na Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr); Av. São Sebastião, nº 2819 - Nossa Sra. de Fátima, Parnaíba - PI, Brasil, 64202-020; e-mail: debora.mgara@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1530-1821>.

¹⁷ Graduando de Psicologia na Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr); Av. São Sebastião, nº 2819 - Nossa Sra. de Fátima, Parnaíba - PI, Brasil, 64202-020; e-mail: danielsantos-1@live.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4639-1268>.

¹⁸ Psicólogo, Mestre e Doutor em Educação. Professor do Departamento de Psicologia e Mestrado em Psicologia Universidade Federal do Delta do Parnaíba; Av. São Sebastião, nº 2819 - Nossa Sra. de Fátima, Parnaíba - PI, Brasil, 64202-020; Coordenador do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Desenvolvimento Humano, Psicologia da Educação e Queixa Escolar.

podem estimular novas percepções nas crianças, ainda que devido ao tempo limitado do estágio, necessita-se que sejam aferidas para avaliar a eficácia. Espera-se, então, contribuir para o debate de questões emergentes escolares e que alentam para a presença dos psicólogo(a)s nestes espaços.

Palavras-chave: Estágio; Psicólogo Escolar; Psicologia.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar possui demandas em que o profissional psicólogo pode contribuir na constituição desse espaço enquanto atuante de uma das áreas basilares da Psicologia no Brasil, a Psicologia Escolar e Educacional (PEE) (Proença, 2011). A história de ambas se confundem, quando a PEE possui marco inicial com a introdução da disciplina de Psicologia Escolar no currículo de graduação em Psicologia em 1962, em conjunto ao reconhecimento da Psicologia como profissão no país (Santos, Menezes, Borba, Ramos, & Costa, 2017).

Entretanto, as relações entre escola e Psicologia estreitaram-se marcadamente quando a Psicologia passou a atuar com pressupostos médicos, e assim atentou-se primordialmente aos desajustes de aprendizagem e focando o aluno como problema, não se atentando para a multidimensionalidade que envolvia o processo de escolarização e o ambiente escolar (Lopes, Gesser, & Oltramari, 2014).

Segundo Meira (1997) a análise da literatura nacional disponível mostra que o modo como caminhou o processo de atuação e geração de conhecimentos na PEE, predominou a adoção do modelo tradicional clínico de atuação em Psicologia, indicado como responsável pelo processo de ‘psicologização da educação’ (Negreiros, Silva, Sousa, & Santos, 2017b). Dessa forma, fundamentou-se um pensamento de patologização em cima do “problema” concentrado no aluno, desconsiderando assim, todas as determinações que constituem o chamado fracasso escolar (Meira, 1997; Negreiros et al., 2017b).

Começa-se a se contestar essa relação a partir da década de 1980, com uma nova perspectiva de PEE crítica no Brasil, tendo como marco acadêmico a produção de Maria Helena de Sousa Patto. Esta revolucionou a compressão da dimensão educativa do trabalho do psicólogo, na ampliação das áreas tradicionais de atuação neste campo e na construção de referenciais teóricos para uma prática psicológica que abarque não só a dimensão individual do sujeito na escola, mas também a dimensão social e histórica do processo de escolarização do referido (Lopes et al., 2014; Proença, 2011; Souza, 2009).

Patto (1984) aponta que os modos introdutórios da Psicologia refletem as necessidades da sociedade em que nasceu, com o objetivo de selecionar, orientar, adaptar e racionalizar, tendo a produtividade como último objetivo. Reger (1989) corrobora essa ideia e problematiza um modelo de atuação em PEE que se sustente apenas nesses eixos, o que o torna essencialmente clínico, e que explana um completo desconhecimento da ampla atuação do profissional PEE.

Assim, o autor coloca que o psicólogo escolar educacional deva ser uma ponte que ligue os conhecimentos da psicologia absorvidos na academia para a escola, buscando aprimorar a qualidade e a eficácia do processo educativo, devendo provocar na escola uma mudança de perspectiva que visualize o aluno como oportunidade para uma experiência de ensino e de aprendizagem para todos da escola.

A partir disso, o apoio de psicólogos no ambiente escolar e sua interação com os diferentes atores sociais, podem proporcionar práticas educativas com toda a comunidade escolar (Souza, 2009). De forma que Proença (2011) diz que o psicólogo escolar pode contribuir para que se compreenda o fenômeno educacional como produto das relações que estão inseridas na comunidade escolar, seus atravessamentos internos e relacionais.

Nesse interim, é que a atuação do psicólogo escolar amparada em um leque de competências, cabe ressalvas, pois, algumas habilidades podem não colaborar com a real finalidade da PEE, e podem propagar a perpetuação de práticas que não buscam a compreensão do aluno como ser em desenvolvimento e sob diversas influências, os classificando em seres patológicos, menos favorecidos ou como problemáticos, configurando uma ação clínica (Santos et al., 2017).

Ainda assim, não se impõe um modelo primordial, mas elenca-se a importância do papel que assumimos enquanto profissionais responsáveis e que questiona a quem de fato estamos servindo: se ao aluno ou a outros motivos escassos (Correia, 2009; Santos et al., 2017). Como Lima (2009) fala que há maior proveito quando o psicólogo escolar opta por ser um agente educador que preza pelo coletivo e utiliza a Psicologia como forma de desenvolvimento para todos os atores da escola.

A partir disso, Asbahr (2014) elenca aspectos que devam abalizar uma atuação em PEE com fazer crítico: fundamentação teórica em autores com concepções críticas acerca da relação entre Psicologia e Educação; o compromisso teórico, prático e político com a Psicologia enquanto ciência e profissão em relação com a Educação; a utilização de uma fundamentação teórico-metodológica relacionada ao contexto em que está inserido; a consideração das múltiplas determinações dos fenômenos escolares, superando explicações simplistas e pautando-se em uma concepção global de homem.

Bem como resgata-se os três pilares que assentam esse posicionamento crítico: a) a concepção positivista de ciência presente na Psicologia no campo da educação; b) as práticas clínico-terapêuticas que atribuem as causas do fracasso escolar às crianças, suas famílias, ou à cultura, sem questionar a escola que se oferece às classes trabalhadoras, individualizam a complexidade do processo de escolarização; c) as teorias explicativas do fracasso escolar que defendem aspectos herodológicos, perceptivos-motores, familiares ou ainda da teoria da carência cultural, negando a complexidade da vida diária escolar e as dimensões que a compõem, de caráter social, político, institucional, relacional e pedagógico (Patto, 1984).

Nesse contexto, a formação do psicólogo escolar assume papel imprescindível para que se reflita sobre esses aspectos. O que recai para o Estágio Básico Supervisionado (EBS) em PEE ter como função auxiliar nesse processo do desenvolvimento acadêmico para atuação na área, uma vez que a partir da transformação de estudantes para futuros profissionais, pode-se visualizar mais profundamente a profissão ao se inserir no cotidiano da prática profissional psicológica, sendo possível visualizar o dinamismo das relações e vincular teoria e prática (Nasciutti & Silva, 2014).

Dito isso, tornar-se pertinente pensar a realidade social e escolar brasileira a partir da inserção de uma perspectiva crítica em PEE nesses espaços, sobretudo quando sabe-se que as desigualdades sociais são fatores que atravessam os muros das escolas (e.g. desigualdades de renda, violência, discriminação), sendo as escolas públicas as mais afetadas e refletindo essas problemáticas (Damasceno & Negreiros, 2018; Negreiros et al., 2017b).

Ademais, vale ressaltar a função social de formar cidadãos que a escola pública exerce na sociedade, desde a educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), ao proporcionar conhecimentos, atitudes e valores que tornam o estudante solidário, crítico, ético e participativo, como espera-se da escola para um desenvolvimento biopsicossocial dos alunos (Guzzo, Mezzalira, Moreira, Tizzei, & Neto, 2010).

Face a isso, objetiva-se relatar a experiência de um EBS em psicologia escolar e educacional de perspectiva crítica em uma escola pública, visando a partir do alinhamento entre teoria e prática nesse espaço, contribuir para o estreitamento de uma prática em PEE que seja crítica diante da construção de intervenções abrangentes, consistentes e efetivas.

MÉTODO

Participantes

Trata-se de estudo descritivo, exploratório, de relato de experiência vivenciado por estagiários de Psicologia, sob a supervisão de um supervisor académico e daqueles locais. O EBS que embasa este trabalho foi realizado com os alunos da 3ª série (4ª ano) de uma escola de ensino fundamental da rede municipal que comportava durante o período do estágio supervisionado 861 alunos, divididos entre o período matutino e vespertino e com turmas entre a 1ª e 8ª séries (2º a 9º anos).

As visitas decorreram com revezamento em dupla, de um total de 4 alunos estagiários de Psicologia visando o que traz Correia (2009) que a realização do estágio em duplas proporciona uma excelente oportunidade para que as experiências sejam compartilhadas e assim possam ser feitas análises, decisão e solução de problemas em equipe.

Instrumentos

Optou-se pelo método de observação naturalística, sistemática e participante, por essas possibilitar o levantamento de demandas e planejamento de possíveis intervenções, devido às informações revelarem particularidades do locus do estágio, além de evidenciarem a percepção de cada estagiário e do próprio grupo sobre a realidade do ambiente e as problemáticas percebidas (Nasciutti & Silva, 2014).

Ressalta-se que todas as observações e intervenções foram sob o aval da gestão e do docente da turma em questão, resguardando-se sempre princípios éticos e com supervisão prévia do professor supervisor em psicologia escolar crítica das ações a serem realizadas na turma.

Procedimentos e Coleta de Dados

O período de EBS na escola se deu durante um 1 semestre letivo, com visitas semanais, inicialmente construindo-se o diagnóstico do espaço do estágio, que seguiu-se em etapas como: a) escuta aos diferentes atores e atrizes sociais da escola: equipe gestora, corpo docente, funcionários dos serviços gerais, alimentação, vigilância e portaria; b) composição da história da instituição e das representações em torno dela no contexto histórico-cultural, em meio ao levantamento de dados em secretaria municipal de educação, documentos escolares, depoimentos orais, etc.; c) construção do organograma funcional da escola e análise crítica da estrutura e dinâmica relacional

do espaço físico da escola; d) mapeamento do entorno físico e histórico-geográfico da escola, identificando instituições, espaços sociais, de saúde, órgãos públicos, feiras, centros recreativos, etc; e) identificação das políticas educacionais em articulação com o território escolar.

Tentando com isso alcançar o que Correia (2009) traz sobre o diagnóstico institucional, o qual deve considerar o meio social e o tipo de público que vai atender; os grupos que compõem este ambiente escolar; como relacionam-se e sua hierarquização; e atentando-se para a filosofia que norteia tal ambiente e política educacional da instituição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Santos et al. (2017) o psicólogo escolar quando inserido nesse ambiente deve investigar as múltiplas causas existentes nesse espaço, para que as compreendendo possa intervir, cabendo a capacitação para a atuação profissional começar na graduação, em que havendo estágios em escolas, seguindo passos que quando pensados a partir de uma perspectiva em psicologia escolar crítica, colaborem para que as intervenções visem provocar reflexão em todos os atores sociais da comunidade escolar.

No entanto, dificuldades podem se impor segundo esse autor como questionamentos interrelacionais entre a escola e o estagiário, quando há desconhecimento de práticas do PEE, e a presença deste no espaço escolar urge grande responsabilidade. Assim, havendo realidades distintas com diferentes cenários, como os escolares, o conhecimento de procedimentos corretos a serem adotados contribuem para o aperfeiçoamento entre estágio e estagiários, como as adotadas nesse relato e descritas num modelo delineado a partir de uma perspectiva crítica construído em supervisão, como exposto na figura 1:

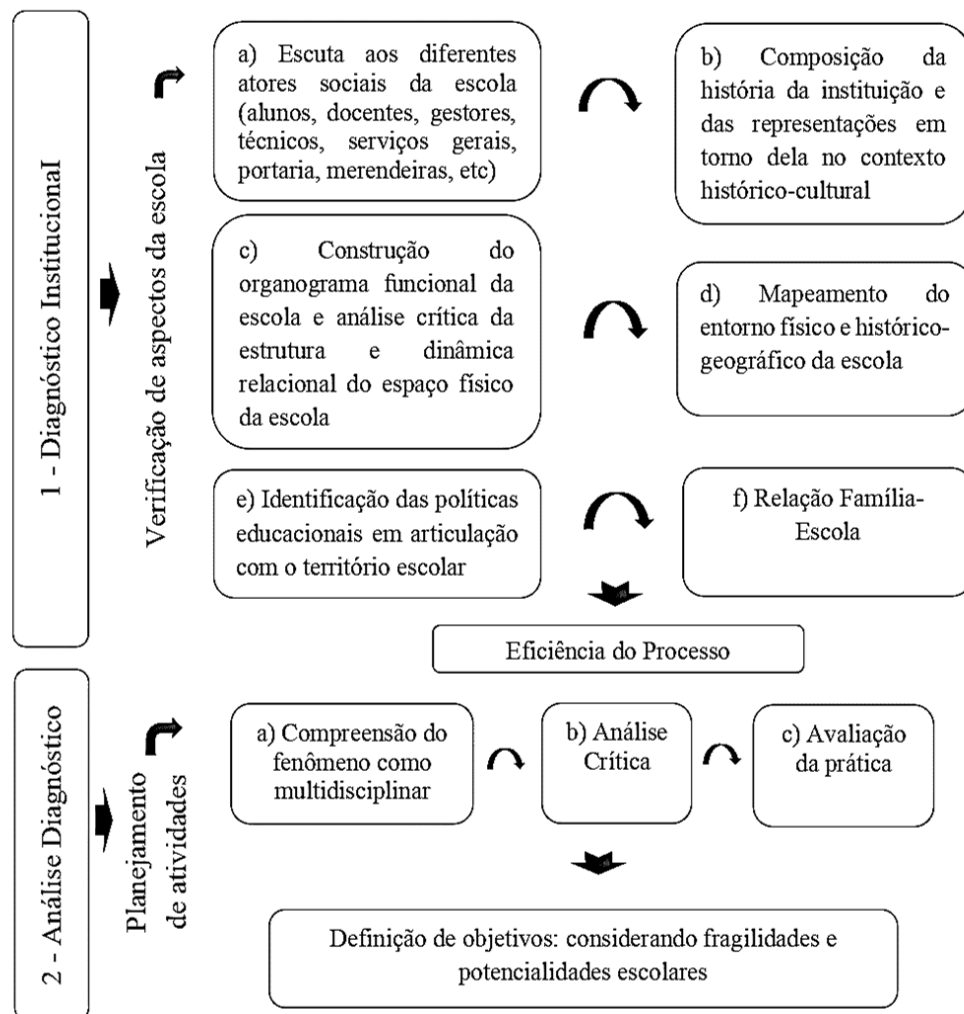


Figura 1. Modelo delineado pelos autores para atuação em PEE de perspectiva crítica durante o EBS.

Fonte: autores

Ademais, também foram considerados os elementos apontados por Souza et al. (2014) e Guarido e Sayão (2004) para a atuação de psicólogos escolares, como descreve-se na tabela 1:

Tabela 1 - Elementos para atuação de psicólogos escolares

-
- a) Compreender como se dão as relações em que a queixa escolar é produzida;
 - b) Entender a escola como o principal agente de inserção social;
 - c) Articular a história familiar com a história escolar;
 - d) Incluir os professores no processo de intervenção;
 - e) Pesquisar o contexto em que se produzem e manifestem os conflitos individuais;
 - f) Propor um espaço de escuta;
 - g) Excluir o foco colocado na “criança-problema”;
 - h) Valorizar a produção das crianças de um modo geral;
 - i) Propor intervenções breves;
 - j) Discutir as estratégias pedagógicas que são utilizadas pelos professores;
 - k) Realizar observações em salas de aula;
 - l) Trabalhar com os docentes;
 - m) Encontrar novas formas de avaliação e intervenção que rompa com o modelo individualizante;
-

Fonte: tabela criada pelos autores como síntese do estudo de Souza et al. (2014) e Guarido e Sayão (2004).

Tal como, coadunou-se com aspectos importantes de serem considerados para uma atuação de perspectiva crítica em PEE segundo Santos (2007), sobretudo pela consideração à instituição em que as queixas escolares são produzidas. A tabela 2 descreve esses aspectos.

Tabela 2 – Aspectos para uma atuação de perspectiva crítica em PEE

I) Uma intervenção breve e pontual, que parta da demanda da instituição e se configure de modo específico para cada caso;
II) Atendimento em grupo (não terapêutico) com número limitado de encontros, usualmente uma vez por semana;
III) Explicitação do contrato a todos os participantes convidados;
IV) Articular a história familiar com a história escolar;
V) Apresentação do processo percorrido à instituição para que essa possa se apropriar das questões levantadas e se reposicionar diante de seus objetivos educacionais;

Fonte: tabela criada pelos autores com base em pressupostos teóricos de Santos (2007).

Assim, segue as ações fomentadas a partir do itinerário das experiências de estágio alinhadas aos conceitos de uma atuação em PEE de perspectiva crítica, adotadas como forma de intervenção as principais demandas levantadas – a relação entre a afetividade e o espaço escolar, Bullying e questões de gênero e sexualidade.

Afetividade e o espaço escolar: relações proximais pouco exploradas

Apreendeu-se a partir das observações das visitas realizadas à turma a eminência de uma demanda relacionada aos aspectos afetivos da interação com o ambiente físico da escola e na relação professor-aluno, que nas devidas supervisões locais observou-se que estas advinham de circunstâncias como o pouco espaço lúdico para um público infantil em ensino fundamental, predominante na escola, assim como a falta de condições adequadas para o trabalho do professor, inferindo-se pontos nevrálgicos da demanda como a fragilidade do trabalho docente na instituição, o ensino e o bem-estar nesse espaço na liminaridade.

Pensando em atingir esses aspectos e seguindo pressupostos de uma intervenção em psicologia escolar crítica, organizou-se para a 1ª visita interventiva uma atividade de confecção de lixeiras com os alunos, tendo em vista, a ausência do item em sala, como em outros espaços na escola, evitando assim que os alunos permanecessem a jogar lixo no chão, e houvesse conscientização com o cuidado e preservação do espaço de sala de aula, como da escola.

Como modo de intervir na relação professor-aluno, pensou-se em uma atividade de confecção de cartas para a professora, que expressaram sentimentos de carinho, reconhecimento e respeito dos alunos aos percalços do trabalho da docente, demonstrando-se que ao se enfatizar as potencialidades existentes pode se alcançar com mais afinco reflexões sobre as relações entre discentes e docentes no âmbito escolar.

O ambiente escolar, assim, é mais que estrutura física, ao que destacam-se que entender o apego a instituição e a aprendizagem dos alunos, auxiliam a compreender e explicar atitudes, autenticidades, fracassos, sucessos, ideias, objetivos, potencialidades e limitações, que implicam que se pense não somente em desenvolvimento cognitivo, como também em social e emocional, mesmo que seja uma percepção pouco explorada nas escolas públicas brasileiras (Araújo, Pessoa, Fonseca, Albuquerque, & Almeida, 2016; Negreiros et al., 2017b; Negreiros, Silva, & Lima, 2017a).

O Bullying e sua naturalização na turma

O Bullying caracteriza-se por ações violentas e hostis, físicas ou psicológicas, que ocorrem nas relações interpessoais, principalmente entre crianças e adolescentes (Santos, Perkosi, & Kienen, 2015; Toro, Neves, & Rezende, 2010). Tendo como base o conhecimento prévio acerca do tema Bullying, foi observado alguns casos de violência verbal direcionada entre os alunos do lócus do estágio. As agressões dirigidas que ocorrem entre eles, apesar de ocorrerem de forma isolada e esporadicamente, configuram-se de maneira mais explícita, com os alunos provocando uns aos outros na frente da professora. Aparentemente, pelo comportamento eliciado pela educadora durante as agressões, percebe-se que a prática de Bullying tornou-se algo naturalizado.

A partir disso, nomeamos a 2ª visita interventiva de “Oficina de Cuidados com o Outro”. Essa referida oficina constituiu-se de dinâmicas, que disparou à questão da importância de ajudar o colega de sala de aula, seguindo de roda de conversa com o intuito de promover reflexões sobre as atitudes diárias em sala.

Francisco e Coimbra (2015) chamam atenção para esse processo de naturalização da violência entre os alunos no ambiente escolar, ressaltando que o Bullying não deve ser visto como um fenômeno natural, quando as vítimas tentam camuflar a agressão sofrida, minimizando ou deixando de relatar para o professor ou responsável, por achar que este tipo de comportamento não passa de uma brincadeira, e que o problema não será resolvido.

Gênero e sexualidade como demanda

A escola segundo Moizés e Bueno (2010) precisa tomar para si a responsabilidade no que diz respeito a educação sexual, não para alimentar mitos que ainda rondam o tema, mas para inserir perspectivas que irão auxiliar o aluno e sua família durante a jornada de conhecimento, quando a constante propagação em mídias (e.g. televisão, internet, redes sociais) banalizam o tema, que deve ser tratado com cautela, de forma responsável e que vise a promoção da saúde sexual.

Assim, a 3ª visita interventiva encerrou o ciclo de intervenções junto aos alunos, atentando-se para integrá-la aos temas debatidos anteriormente. Desse modo, discutiu-se as questões associadas a gênero e sexualidade a partir da confecção de cartazes pelos alunos para serem expostos fora da sala de aula, buscando revitalizar a percepção do espaço escolar como de direito de todos de respeito quanto à diversidade, a vista que termos e falas entre os alunos expunham estereótipos e discriminações.

Com a exposição dos cartazes enfatizou-se o empenho da turma na compreensão da mensagem apresentada sobre o espaço escolar e as interações nesse locus, o qual deve ser propício para o acolhimento e respeito, sendo a escola um local de vivências humanas, com alto fluxo de informações diárias de conhecimentos adquirido dentro e fora da escola, que inferem em todos os atores da escola.

CONCLUSÃO

Podemos aqui evidenciar o propósito de se realizar um estágio em PEE em uma perspectiva crítica, considerando-se o desafio de se realizar um estudo em meio a um sistema educacional competitivo, desigual e excludente, valendo considerar a necessidade de promover a ampliação do processo formativo das crianças em escolarização e a transformação social dos diferentes atores e atrizes sociais envolvidos com a escola e a comunidade em seu entorno.

Com isso, a experiência do estágio, seja básico ou profissional, na Psicologia mostra-se fundamental para o contato do futuro psicólogo com o ambiente fora de sala de aula e seu crescimento como profissional, quando a experiência o coloca frente a observações que se tornam conhecimentos que irão depreender reflexões apropriadas dos aspectos psicossociais de indivíduos e grupos.

A escola servindo a este propósito de estágio, proporciona percepções relevantes como espaço de desenvolvimento biopsicossocial, sendo possível analisar estímulos fomentadores para o sujeito e sua relação com os espaços. Compreender essa relação deve acompanhar o psicólogo

em formação que em contato com o espaço escolar, pode tornar observáveis os conceitos e concretizar a teoria em prática.

Assim, vivenciar o EBS em PEE de forma crítica em uma escola da rede pública, possibilitou principalmente compreender suas competências, sobretudo quando percebe-se que devemos nos reinventar diariamente para que se desenvolva em conjunto a ela. Sabendo que a presença de forças opostas são inevitáveis, como as limitações em relação ao tempo delimitado para o estágio, que reforçam que a PEE sobremaneira é um trabalho de perseverança, insistência e compromisso com a sociedade.

Destarte, entender que encontrar uma solução é uma variável complexa quando fala-se em EBS em psicologia escolar crítica, leva-nos a pensar em avanços e conquistas únicas. Acreditando que nestes espaços não encontram não somente percalços, mas sobremaneira possibilidades em seus muitos atores e componentes. Cabendo ao profissional psicólogo escolar que ali esteja, e/ou estagiários, buscar reencontrar constantemente uma primazia permanente da escola – aprendizado.

REFERÊNCIAS

- Araújo, P. V., Pessoa, V. S., Fonseca, P. N., Albuquerque, J. H. A., & Almeida, A. C. (2016). Eu gosto da escola: um estudo sobre o apego ao ambiente escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20(2), 377-384. <https://doi.org/10.1590/2175-353920150202996>
- Asbahr, F. S. F. (2014). Notas sobre o ensino de psicologia escolar em uma concepção crítica. *Psicologia Ensino & Formação*, 5(1), 20-31. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612014000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Correia, M. (2009). O desafio do cenário escolar para o profissional da psicologia: por onde começar?. In: M. Correa (Org.). *Psicologia e Escola: Uma parceria necessária*. (Cap. 3, pp. 61-82). São Paulo: Editora Alínea.
- Damasceno, M. D. A., Costa, T. D. S., & Negreiros, F. (2016). Concepções de fracasso escolar: um estudo com professores das cinco regiões brasileiras. *Rev. psicol. (Fortaleza, Online)*, 7(2), 8-21. Recuperado de <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/6238>
- Damasceno, M. A., & Negreiros, F. (2018). Professores, Fracasso e Sucesso Escolar: Um Estudo no Contexto Educacional Brasileiro. *Revista de Psicologia da IMED*, 10(1), 73-89. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i1.2572>
- Francisco, M. V., & Coimbra, R. M. (2015). Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 20(3), 184-195. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150020>

- Guarido, R. L., & Sayão, Y. (2004). Intervenção psicológica em creche/pré-escola. In: A. M. Machado, & M. P. R. Souza (Eds.), *Psicologia Escolar: Em busca de novos rumos* (pp. 79-87). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Guzzo, R. S. L., Mezzalana, A. S., Moreira, A. P. G., Tizzei, R. P., & Neto, W. M. D. F. S. (2010). Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(25 anos), 131-142. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000500012>
- Lima, M. F. E. M. (2009). Estágio supervisionado em Psicologia Escolar: desmistificando o modelo clínico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(3), 638-647. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000300016>
- Lopes, S. R., Gesser, M. & Oltramari, L. C. (2014). Estratégias de intervenção em psicologia escolar a partir de uma perspectiva psicossocial: relato de experiência. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 9 (1), 73-82. Recuperado de: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/831>.
- Meira, M. E. M. (1997). *Psicologia Escolar: Pensamento Crítico e Práticas Profissionais* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Moizés, J. S., & Bueno, S. M. V. (2010). Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(1), 205-212. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000100029>
- Nasciutti, F. M. B., & Silva, S. M. C. (2014). O processo de ensinar/aprender uma perspectiva crítica em psicologia escolar e educacional. *Psicologia em Estudo*, 19(1), 25-37. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722014000100005>
- Negreiros, F., Silva, A. M. P. M., & Lima, M. B. P. (2017a). Experiências educativas não exitosas: um estudo com discentes avaliando seu próprio processo de reprovação escolar. *Revista Educação em Debate*. Recuperado de: <http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/article/view/79>
- Negreiros, F., Silva, C.F.C., Sousa, Y.L.G. & Santos, L.B. (2017b). Análise psicossocial do fracasso escolar na Educação de Jovens e Adultos. *Psicologia em Pesquisa*, 11(1), 1-11. <https://doi.org/10.24879/201700110010066>
- Patto, M.H.S. (1984). *Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar*. São Paulo: TA Queiroz.
- Reger, R. (1989). Psicólogo escolar: educador ou clínico? In: M. H. Souza Patto (Org.). *Introdução à Psicologia Escolar*. (pp. 09-16). São Paulo: T. A. Queiroz.
- Santos, A. A. C. (2007). Uma proposta de olhar para os cadernos escolares. In: B. P. Souza (Ed.), *Orientação à queixa escolar*. (pp. 165-184). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Santos, D. C. O., Menezes, A. B. C., Borba, A., Ramos, C. C., & Costa, T. D. (2017). Mapeamento de competências do psicólogo escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(2), 225-234. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702121109>
- Santos, M. M., Perkoski, I. R., & Kienen, N. (2015). Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. *Temas em Psicologia*, 23(4), 1017-1033. <https://doi.org/10.9788/TP2015.4-16>
- Souza, M. P. R. (2009). Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 13(1), 179-182. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000100021&lng=pt&tlng=pt.

- Souza, M. P. R. D., Ramos, C. J. M., Lima, C. P. D., Barbosa, D. R., Calado, V. A., & Yamamoto, K. (2014). Atuação do psicólogo na educação: análise de publicações científicas brasileiras. *Psicologia da educação*, (38), 123-138. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000100011&lng=pt&tlng=pt.
- Toro, G. V. R., Neves, A. S., & Rezende, P. C. M. (2010). Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. *Psicologia: teoria e prática*, 12(1), 123-137. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100011&lng=pt&tlng=pt.

BASIC STAGE SUPERVISED IN SCHOOL AND EDUCATIONAL PSYCHOLOGY IN A CRITICAL PERSPECTIVE: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

The objective's to report the experience of a Supervised Basic Internship (EBS) in School and Educational Psychology (PEE) of Critical Perspective, of a Psychology course, in a public elementary school. Naturalistic, systematic and participant observation was used as a method, which enabled the demands perception: little explored relationships between affectivity school's space; Bullying and its naturalization in the class; issues of gender and sexuality. It's argued that promoting contextualized actions in view of the pointed demands can stimulate new perceptions in children, although due to the limited time of the internship, they need to be checked to assess effectiveness. It's expected, then, to contribute to the debate on emerging school issues that encourage the presence of psychologists in these spaces.

Keywords: Internship; School Psychologist; Psychology.